

O tédio intelectual do dogmatismo

Um dos aspectos mais desagradáveis do dogmatismo é o tédio intelectual que gera à sua volta. Repetindo receitas decoradas, nunca consegue surpreender-nos. E não é capaz de se surpreender com a realidade. Tudo está codificado e nada na vida real consegue acrescentar um novo olhar ao tédio cinzento do dogmatismo.

Não dizemos isto para nos queixarmos – o queixume não faz parte das nossas preferências. A nossa disposição empreendedora vê uma oportunidade no dogmatismo actualmente dominante na nossa atmosfera intelectual: uma oportunidade para desafiar o conformismo dominante. *Nova Cidadania* nasceu desta disposição para desafiar o conformismo. E acreditamos que esta edição volta a ilustrar isso mesmo.

O Presidente da República prestou devida homenagem a duas grandes figuras nacionais: o Almirante Gago Coutinho e D. Nuno Álvares Pereira, em boa hora canonizado pelo Papa Bento XVI. Mas o patriotismo não é politicamente correcto. O que está a dar é o federalismo europeu e a crença de que existe alguma inovação em declarar obsoleto o Estado-nação. Nós aqui recordamos que já Marx previra a extinção do Estado-nação, bem como de outros detalhes como a economia de mercado e as liberdades burguesas. Como se costuma dizer, a previsão foi um pouco exagerada, embora o autor já cá não esteja para nos esclarecer. Além disso, nós gostamos de ser patriotas, não vendo aí qualquer obstáculo a sermos também europeístas (bem como atlantistas e defensores da CPLP, vale a pena acrescentar).

Também nos dizem que a crise financeira actual representa para o capitalismo o mesmo colapso que a queda do muro de Berlim representou para o comunismo em 1989. Nós vemos nisso uma ligeira dificuldade: nunca confundimos capitalismo com um modelo particular de política económica, nem com uma parte exclusiva do espectro político. O “capitalismo” (uma expressão enganadora que Adam Smith nunca usou) sempre foi a obra comum de partidos rivais, como disse Raymond Aron a propósito da chamada democracia burguesa. Por isso, não temos complexos em gostar do “capitalismo” e, ao mesmo tempo, de abrir as nossas páginas a um estimulante debate sobre a renovação do pensamento socialista liberal. Por isso também, incluímos nesta edição uma secção sobre os fundamentos morais das sociedades livres.

Falar de fundamentos morais da liberdade é hoje talvez ainda pior do que falar de patriotismo. Nesse caso, nós insistimos: dedicamos outra secção à família e sexualidade. Aproveitamos a ocasião para defender as palavras do Papa sobre o preservativo em África e recordar a nossa preferência pela heterossexualidade. É certo que gostos não se discutem, e longe de nós querer obrigar alguém a ter os nossos gostos. Mas agradecíamos aos outros que não nos obrigassem a ter os mesmos que eles. Por isso, somos contra o chamado “casamento homossexual”, embora admitamos as uniões civis desse género peculiar.

Boa leitura e boas surpresas.